UmGolias sem David

O cineasta e professor da Universidade de Brasília, Pedro Jorge Castro, falando recentemente sobre o Festival de Arte de São Cristóvão, Sergipe, do qual participou, declarou-se muito impressionado com o fato de que a organização do encontro não era rígida, sendo conduzida de acordo com a preferência do público, que determinou, inclusive, os locais mais convenientes para a apresentação de determinados grupos folclóricos.

"No dia em que se organizar mais o Festival de São Cristóvão», disse ele, «a organização ocupará o espaço das decisões do povo. O que vi me fez lembrar a Fundação Cultural do Distrito Federal, que traz espetáculos de cidades como Rio e São Paulo o que faz com muito mais presteza e precisão do que estimular a criação de espetáculos locais, dando aos brasilienses o espaço cultural de Brasília".

Pedro Jorge considera que o órgão deveria "não agenciar as produções de grupos de outras cidades," nem se restringir à concessão de facilidades aos grupos locais: "O que se espera da FCDF é que exija uma produção própria de Brasília, pois na medida em que a cidade tem sua produção artística, aquela que vier de fora, não terá condições de substituí-la».

Pedro Jorge acha que o que a Fundação tem feito até agora, e até com muita frequência, corresponde perfeitamente ao que o professor de História da Artē, João Evangelista, chamou de «cultura da organização», isto é, tomar a iniciativa de organizar as atividades culturais. «E essa organização», prossegue, «é basicamente a organização ideológica das manifestações culturais, e que abafam as intenções, originais que possuem, no domínio popular».

O cineasta aproveita para mandar um recado à Fundação Cultural: «A atitude democrática não é decidir as coisas e convocar as pessoas para referendá-las. É chamar essas pessoas a participarem das decisões que poderiam até nem ser presididas pela FCDF».

A Fundação Cultural mais criou inimizades no meio artístico com especial destaque o seu diretor, Ruy Pereira da Silva, que no último Festival de Cinema levou uma saraivada apoplética de Glauber Rocha) do que consolidou sua atuação como um órgão dirigente e aberto às manifestações da Capital.

Passam as velhas crises, chegam as novas e o sr. Ruy Pereira continua inabalável no seu cargo, o que inclusive, já provocou ressentimentos tão grandes, incompatibilidades tão flagrantes e insuperáveis, que assessores do sr. Ruy já deixaram o cargo. E, com a liberdade que oferece destruição do cordão umbilical, botaram a boca no mundo. Na verdade, não se trata de alguém deixar o cargo ou não. Trata-se __ — ' simplesmente e este é o clamor geral na cidade — que o ocupante do cargo (e de uma entidade com tantas possibilidades como a Fundação) sinta a abertura tão propalada de uns tempos para cá. E que não se atente a chiliques que, absolutamente, não levam a nada. Pelo contrário: comprometem.

SandraMattos